

INTRODUÇÃO

*João Ribeiro Mendes
Bernhard Josef Sylla*

Nos últimos tempos parece não haver semana ou dia em que não tenhamos notícias sobre desastres ou catástrofes ambientais de algum modo ligados à ação humana, que, por seu turno, provocam, eles mesmos, crises ou tragédias humanitárias, como se tivéssemos entrado num ciclo infernal.

Nos últimos tempos parece não haver semana ou dia em que não se fale de aquecimento global, alterações climáticas ou crises ecológicas. Fala-se, sobretudo, de emissões de CO₂, autêntica mercadoria-fetiche do nosso século. Ao contrário do que muitos pensam, não foi o CO₂ que embraiou o aquecimento global, mas precisamente o contrário, pelo menos no início do período interglacial em que estamos. E é este mesmo CO₂ que, mantido dentro de certos limites, pode ajudar a retardar a chegada de um novo período glacial, projetado para chegar dentro de cerca de 12.000 anos se a ação antropogénica for descontada. Porém, é indesmentível o seu aumento para níveis que vão fazendo subir a temperatura média do planeta, que acelera o derretimento das calotas polares, que libertam mais CO₂... e nos aprisiona num outro ciclo infernal bem mais perigoso, caminho para a ultrapassagem do limiar dos 2°C de temperatura média do planeta antes do final deste século ou talvez 3º ou 4º ou...

Nos últimos tempos parece não haver semana ou dia em que não se apele a que se faça algo antes que seja tarde de mais. Mas tarde de mais para quê? Para que não ocorra o quase impensável: o colapso da Natureza, o ocaso da Civilização, a extinção da Humanidade. Na verdade, este espectro de um Apocalipse antropogénico soa a familiar; infelizmente! Lembra o “inverno nuclear” que, na década de 1980, se temia viesse a acontecer, provocado pelo jogo MAD (*mutual assured destruction*) entre as duas superpotências de então, EUA e URSS. No entanto, embora haja grande consenso sobre a necessidade de ação urgente, ninguém parece querer abdicar ou sequer mitigar modos e estilos de vida que

2 INTRODUÇÃO

têm contribuído decisivamente para o atual estado de coisas. Práticas de extrativismo e consumismo, assim como políticas de competição e crescimento reforçam-no, ao alimentarem-se de combustíveis fósseis, instaurando um outro ciclo infernal ainda, que vem sendo acelerado e agravado, de modo irónico, pelas chamadas “tecnologias verdes”, em boa medida, elas mesmas, dependentes, no plano da produção, desses combustíveis fósseis.

O que os últimos tempos revelam é que já não estamos perante um mero problema de aquecimento global artificialmente provocado, nem de alterações climáticas passageiras, nem de crise ambiental transitória, nem de catástrofes ecológicas reparáveis. Revelam que estamos no pós-Holoceno, no Antropoceno, como alvitram alguns, numa situação geocivilizacional em que mais do que sermos desafiados a atualizar a Tabela Cronostratigráfica Internacional, fomos convocados para uma reflexão radical urgente sobre a nossa condição humana presente e futura.

Eis, pois, a motivação para termos organizado o EIBEA-Encontro Iberoamericano de Estudos do Antropoceno nos dias 11, 12 e 13 de junho de 2019 na Universidade do Minho (Braga, Portugal). Pretendemos que ele constituísse uma ocasião para estudiosos provenientes das “quatro culturas”, das Ciências Naturais (em especial das Ciências da Terra), das Ciências Sociais, das Humanidades (em especial da Filosofia) e das Engenharias cruzarem as suas distintas abordagens e construir um fecundo diálogo interdisciplinar sobre a problemática do Antropoceno. Nesse sentido, o EIBEA projeta vir a ser uma “zona de intercâmbio” – uma *trading zone*, no sentido proposto por Peter Galison – regular para os Estudos do Antropoceno.

O que aqui se apresenta são resultados desse evento científico: 15 das 27 comunicações apresentadas.

Um agradecimento especial é devido aos oradores convidados por terem partilhado o seu imenso saber connosco: ao Professor Manuel Arías-Maldonado pela conferência plenária da manhã do dia 11 de junho e aos Professores Orfeu Bertolami e Frederico Francisco pela conferência plenária da tarde do dia 12 de junho.

3 INTRODUÇÃO

Um outro agradecimento especial é devido à Câmara Municipal de Baião que propiciou a um grupo de participantes no EIBEA 2019, durante o dia 13 de junho, uma inesquecível visita à área protegida da Serra da Aboboreira, à zona ribeirinha do Douro e ao Mosteiro de Ancede.